

A semiótica nas salas de aula de radiojornalismo¹

Ana Paula Machado Velho²
Centro Universitário de Maringá – Cesumar
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Resumo

Os profissionais e estudantes da comunicação “escrevem” nos mais diferentes códigos (sonoro, visual e verbal) sem se dar conta da natureza de cada mídia e o quanto as especificidades de cada uma delas determinam as formas de organizar mensagens nos diferentes meios. Seguem as regras dos manuais de redação, mas não aquelas que propõem o aproveitamento integral das potencialidades dos veículos.

Este trabalho quer apontar a importância de se decifrar a estruturalidade das linguagens, como propõe a semiótica, adotando estudos mais profundos desta ciência nos cursos de Comunicação Social. Será relatada uma experiência realizada na disciplina de Radiojornalismo II, do Centro Universitário de Maringá, que vem rendendo ótimos resultados. A idéia é dividi-la com outros professores e pesquisadores da comunicação e do rádio.

Palavras-chave: alfabetização semiótica; semiótica das mídias; rádio.

¹ Trabalho apresentado ao Núcleo 15 – Semiótica da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Jornalista; professora dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Moda do Centro Universitário de Maringá; doutoranda do Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Introdução

Desde que o homem tornou-se ser social, foram muitas e profundas as mudanças na maneira dele interagir com os indivíduos de sua espécie; isto é, na maneira dele se comunicar. Um marco neste processo é a invenção da imprensa, que vai proporcionar o primeiro passo rumo à uma nova perspectiva: a comunicação mediada e de massa.

Com a prensa manual de Gutenberg, os impressos vislumbraram a possibilidade de entrar no processo de industrialização. O conhecimento só vai deixar os livros, jornais e revista, no fim do século XIX. As tecnologias de manipulação da imagem, como o cinema e a fotografia aparecem neste momento. No século XX, os meios eletrônicos quebram os paradigmas da comunicação, “aproximando” emissor e receptor. E com o surgimento das mídias digitais multiplicaram-se as formas e as possibilidades de distribuição e acesso às informações sobre a natureza e o meio social (MARCONDES FILHO: 2000).

Porém, pouco se discute acerca da especificidade, da natureza individual das expressões de linguagem de cada uma das mídias. Esta é uma das tarefas da semiótica, ciência nova, se comparada com saberes clássicos, como a Filosofia e a Química, por exemplo. Sob o viés semiótico procura-se determinar como os sistemas sociais criam formas específicas de “falar”, de expressão. Como esses “dizeres” tomam corpo na cultura. E, também, quais os elementos que entram em jogo, entram em interação para dar forma a essas expressões, linguagens.

Os profissionais e estudantes da comunicação, por exemplo, “escrevem” nos mais diferentes códigos (sonoro, visual e verbal) sem se dar conta da natureza de cada mídia e o quanto as especificidades de cada uma delas determinam as formas de organizar mensagens nos diferentes meios. Seguem as regras dos manuais de redação, mas não aquelas que propõem o aproveitamento integral das potencialidades dos veículos.

Este trabalho quer apontar a importância de se decifrar a estruturalidade das linguagens, como propõe a semiótica, adotando estudos mais profundos desta ciência nos cursos de Comunicação Social. O objetivo é capacitar os alunos a entenderem a gramática das diferentes linguagens e, com isso, adquirirem mais segurança na produção dos textos midiáticos.

Uma experiência nesse sentido vem sendo realizada na sala de aula da disciplina de Radiojornalismo II, no Centro Universitário de Maringá, e vem rendendo ótimos resultados. Para dividi-la com outros professores e pesquisadores da comunicação e do rádio, o processo vai ser descrito e discutido neste trabalho.

A semiótica e o rádio

A cultura contemporânea está lidando com objetos que se encontram sob a área de estudos da Semiótica, entendendo-se por semiótica o estudo das linguagens ou expressões de códigos culturais das mais diversas naturezas (Santaella, 1983).

Uma das vertentes destes estudos se baseia em conceitos reunidos pela Semiótica da Cultura, desenvolvidos a partir das pesquisas dos “formalistas” russos³. Esta escola da semiótica defende que as todas as formas de expressão surgem a partir da necessidade de organização de mensagens. Assim, vão sendo criadas as linguagens e seus desdobramentos. Um dos seus maiores pensadores, Iúri Lótman, chama estas linguagens e desdobramentos de modelizações (MACHADO: 2003).

A linguagem audiovisual, por exemplo, se modeliza nas linguagens do cinema e da televisão. Mas cada uma delas tem formas de expressão específicas, continua o processo de modelização. No rádio, existem programas informativos e de entretenimento. Cada um deles tem características específicas de utilização dos recursos sonoros. Mudam as formas de se trabalhar com a música, os efeitos sonoros, as entrevistas etc.

É importante ainda destacar que foram os russos que cunharam o conceito de texto utilizado pelos pesquisadores da semiótica, atualmente. Para eles, todos os produtos nascidos das práticas das linguagens são textos. Retomando o rádio como exemplo, o Jornal da CBN é um texto, assim como o Programa Pânico, da Jovem Pan. Também são textos um spot publicitário e uma radionovela.

³ O movimento formalista russo defendia, como idéia central, o projeto de uma ciência da literatura que a despojasse de tudo que não fosse estritamente literário. Influenciado por Saussure, o formalismo, por sua vez, vai influenciar a concepção estruturalista da literatura, que até hoje tem força.

Analisemos este veículo mais a fundo. Num momento determinado do desenvolvimento da nossa cultura, pós 1º Guerra Mundial, diversas tecnologias possibilitavam a transmissão de ondas sonoras: a radiotelegrafia e a radiotelefonia. Estas deram conta de uma determinada demanda que era transmitir mensagens à longa distância e com rapidez. Por meio de uma linguagem, o Código Morse, a telegrafia deu suporte, por exemplo, ao conflito mundial. Mas, com o fim da guerra, empresas de radiodifusão aprimoraram a tecnologia e surgiu o rádio como meio de comunicação de massa; isto é, um meio para transmitir entretenimento e informação, não só jornalística, mas também ideológica. Um exemplo, é o rádio operário alemão, dos anos 20 que, mais tarde, vai ser usado pelo Nazismo para pregar sua doutrina ultranacionalista.

Para dar conta deste objetivo, no entanto, o rádio meio de comunicação desenvolveu formas de organizar as mensagens, que se basearam, e se baseiam até hoje, na combinação de diferentes representações sonora: a música, o efeito sonoro, a fala, o silêncio. É o combate verbo-voco-sonoplástico, discutido por Silva (1999). Enfim, é a voz, a oralidade, conjugada a outros signos sonoros (ruído, música) e o silêncio, que “carregam” e organizam a modelização das mensagens no rádio. A palavra propõe o conteúdo do fato transmitido, enquanto o ruído, a música e o silêncio ambientam e oferecem ao ouvinte a sensorialidade (VELHO: 2004).

Esta especificidade de linguagem, este “falar”, vai ganhando contornos com o aprimoramento do meio rádio, e vão surgindo os chamados de gêneros, entendidos como “unidades de informação que, estruturadas de modo característico, [...] determinam formas de expressão de conteúdos” (Barbosa Filho: 1996, p.14).

Cada um destes conjuntos informativos dispõe os elementos da mensagem de forma específica. A entrevista, por exemplo, tem uma especificidade no documentário, diferente de quando é apresentada num radiojornal. A narração no primeiro também tem características bem diferentes da reportagem radiofônica. E cada um destes elementos vai demandar o uso de efeitos sonoros e de música numa perspectiva específica.

A teoria semiótica, então, vai nos possibilitar enxergar esses contornos de organização únicos e nos habilitar a determinar uma gramática para as expressões do rádio, entre elas, o radiojornalismo; isto é, a semiótica conduz a sistematizar a utilização dos

elementos da mensagem jornalística no rádio, respeitando as especificidades dos vários gêneros e formatos. E mais importante: nos ajuda a enxergar a estrutura do modelo de linguagem do rádio, numa perspectiva estrutural.

Alfabetização sonora

Entender o rádio sob este viés é pensar o seu conteúdo atrelado à sua natureza enquanto veículo; é compreender a sintaxe específica de suas representações, é atingir o que se chama de alfabetização semiótica.

Armand Balsebre define o sistema semiótico radiofônico como um conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas por sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo funcionamento conjunto destes recursos na recepção sonora e imaginativa-visual dos ouvintes (BALSEBRE: 2000, p.27).

No rádio, a palavra propõe o conteúdo racionalizado, enquanto o ruído, a música e o silêncio mexem com a estrutura emocional do ouvinte, são responsáveis por “transportar” o receptor ao “clima”, ao cenário do acontecimento, proporcionando a chamada criação de imagens mentais (VELHO: 2004).

Esse universo de elementos é lastrado pela linguagem verbo/oral, pela palavra dita, a voz em ação, o “jogo da fala”, sugerido por Werner Klippert (apud SPERBER: 1980). O alemão propõe que a palavra é produtora de associações de idéias, a forma como ela é dita é que promove o sentido. A palavra “é meio de expressão e não sujeito”, este se apresenta na elocução, na sua formação.

No rádio, então, a magia está no fato de que alguém conta alguma história, alguém desperta a atenção das pessoas a partir da sua capacidade de falar a elas num tomo amigável, sombrio, seguro, sensível, depende da situação que esteja sendo exposta. Mesmo na leitura de um texto jornalístico pré-escrito para o rádio, a elocução precisa se dar de forma a “parecer” conversa. Mexe-se com o espiritual do ouvinte, quando ele imagina que alguém do outro lado do microfone fala a ele, para ele, numa espécie de diálogo que, apesar

de não promover, na maior parte das vezes, o retorno, provoca em quem ouve as mesmas sensações que se tem quando alguém muito próximo conta uma história, um “causo”, uma novidade.

Estas possibilidades interativas e comunicacionais apresentadas sobre o rádio foram testadas, de forma tímida, num projeto de jornalismo científico no rádio. Trata-se de uma oficina, ministrada no Centro Universitário de Maringá – Cesumar, em 2002, que gerou um produto chamado de TomeCiência. No ano seguinte, a iniciativa teve a estrutura aperfeiçoada por dois alunos de Jornalismo da mesma instituição, por meio de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Nessa ocasião, ganhou o nome de Sapiência.

Eram esquetes de rádio de cinco minutos que apresentavam narrações sobre curiosidades científicas, entre elas, como conseguimos enxergar as cores; entrevistas sobre assuntos do dia-a-dia, entre eles o problema das reservas de água do planeta; e dicas, por exemplo, de como driblar o mau cheiro dos pés. Os assuntos eram apresentados propondo diálogos com médicos e pesquisadores, mesmo quando a participação deles era editada⁴, para estimular a interação emissor/receptor. Estas conversas eram ilustradas por efeitos sonoros, que davam movimento e contextualização às situações apresentadas. O discurso era bem informal, porque a proposta era atingir todo tipo de público, especialmente, os jovens.

O resultado foi um programa que mexia com a curiosidade científica dos ouvintes, que conseguiam dialogar mentalmente com as idéias apresentadas pelos pequenos “programas”, incentivados por perguntas recheadas de humor, efeitos sonoros que sugeriam surpresa e reações (como por exemplo, alguém mastigando deliciosamente um biscoito sem ter idéia da quantidade de calorias que ele contém), e vinhetas com bastante movimento.

O Sapiência foi tão bem aceito que o coordenador do Grupo PET de Física, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), que foi banca do TCC dos alunos do Cesumar, propôs uma parceria com os dois para produzir novos esquetes. O trabalho foi coordenado pela orientadora do TCC, que escreve este artigo. O produto foi veiculado, durante um ano, na Rádio Universitária FM (entre 2003 e 2004), uma concessão da UEM.

Aplicando em sala de aula

O projeto é um dos exemplos de que pensar a linguagem do rádio sob a perspectiva semiótica tem resultados positivos. Boa parte da sustentação teórica do TCC que deu origem ao Sapiência partiu de discussões semióticas sobre a estruturalidade da linguagem radiofônicas. Ciente disso, pesquisas semelhantes tornaram-se prática na disciplina de Radiojornalismo II. Os alunos realizam levantamentos bibliográficos profundos sobre a estruturalidade da forma de falar do rádio, antes de planejar e executar o principal produto da disciplina: a produção de um radiodocumentário.

Como isso acontece? A primeira proposta que se faz aos alunos é que eles decupem, isto é, desconstruam diversos tipos de programas radiofônicos, anotando todos os elementos que encontrarem. Não só aqueles que propõem conteúdo jornalístico, mas também os elementos plásticos, como vinhetas, trilhas sonoras, cortinas etc. Em seguida, pede-se que eles compreendam o papel, a função de cada um destes elementos na construção da mensagem e seu peso na eficiência da mensagem.

O próximo passo é pedir que eles comecem a trabalhar estes elementos a partir de suas próprias interpretações em diversos produtos. Num primeiro momento, as aulas giram em torno do formato radiojornal, que valoriza mais o discurso verbal e os elementos plásticos de organização da mensagem, como as vinhetas e cortinas.

Em seguida, propõe-se o formato mais elaborado: o rádio documentário. Os alunos ouvem exemplos deste produto, que são analisados paralelamente a uma pesquisa bibliográfica sobre o documentário no rádio. Debatidas as “descobertas”, passa-se a definição do tema do grupo que terá a missão de levantar dados sobre o assunto escolhido e captar as informações (entrevistas, dados históricos e contextuais etc). Com todo o material na mão, passa-se a estudar como “costurar” estes elementos, de forma organizada, usando todas as possibilidades sonoras que o rádio dispõe.

Nesse momento é que o aluno precisa lançar mão de toda a sua habilidade, sua competência semiótica, para embutir no seu documentário muito mais que palavras, música

⁴ Material editado é aquele que sofre adequações, montagens.

e efeitos, mas um sistema complexo de sons, no qual cada um dos elementos utilizados ganha função de representação, ganha signicidade.

Considerações finais

Aponta-se, então, o aprimoramento das discussões semióticas, isto é, do estudo da estruturalidade das formas de expressão sonora, no sentido de alfabetizar o aluno na linguagem do rádio. Quando se ensina uma língua a alguém segue-se um processo similar: apresenta-se a prática do discurso; mostra-se os elementos que o compõem; estuda-se as várias possibilidades de combinação destes elementos; e, por fim, solicita-se que o aluno pratique estas diversas construções. Isso é instrumentalizar semioticamente: ensinar a combinar elementos e criar signos eficientes para o seu contato, a sua interação com o mundo. Para lidar com o rádio e o radiojornalismo propõe-se esta instrumentalização no sentido de se ampliar as possibilidades de lidar com o código próprio da natureza radiofônica: o sonoro.

Na verdade, este processo de alfabetização não é importante só na instrumentalização de alunos de jornalismo dentro das universidades e faculdades de comunicação. Seria interessante que todos os tipos de linguagem fossem trabalhados nas escolas de ensino fundamental e médio. A capacidade de leitura semiótica vai contribuir, no mínimo, para que as pessoas ganhem competência para lidar com as ferramentas do discurso midiático atual, que determina a maior parte das relações do indivíduo no mundo contemporâneo.

Referências bibliográficas

BALSEBRE, Armand. **El Lenguaje Radiofónico**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos** – tipificação dos formatos de áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

Introdução à peça radiofônica/ seleção, tradução, introdução e notas de George Bernard Sperber. São Paulo: EPU, 1980, pág. 85.

MACHADO, Irene. **Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura**. São Paulo: Atelier Editorial, 2003

MARCONDES FILHO, Cyro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000 (Comunicação e Jornalismo)

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos: 103)

SILVA, Júlia Lúcia Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada**. São Paulo: Annablume, 1999.

VELHO, Ana P. M. **A linguagem do rádio multimídia**. IN: Revista GHREBH, Nº 5, disponível em www.cisc.br. Acesso em 17 maio 2005.